LUGAR DE FALA INFANTIL? POSSÍVEIS (RE)LEITURAS DA INFÂNCIA NO ÂMBITO DE UMA PRÁTICA ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA

Letícia da Silva Munhoz (PIBIC/CNPq/FA/UEM), e-mail: ra107708@uem.br; Sidmar Silveira Gomes (Orientador), e-mail: ssgomes@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH) / Maringá-PR

Área: 80000002 - Linguística, Letras e Artes / subárea: 80300006 - Artes

Palavras-chave: pedagogia do teatro, infância, lugar de fala.

Resumo:

A presente reflexão objetivou investigar a noção de lugar de fala infantil a partir da proposição de uma ação artístico-pedagógica com crianças do Ensino Fundamental I da rede pública de ensino da cidade de Maringá-PR, com o intuito de se trabalhar não só as práticas teatrais, mas seus desdobramentos pedagógicos e artísticos nas rotinas dessas crianças e de seus pares. Como inspiração teórica, buscou-se referências no campo da Antropologia da Criança e da Sociologia da Infância. Já no que tange às inspirações metodológicas, foi pensada uma poética de trabalho calcada em jogos teatrais, contação de histórias, brincadeiras tradicionais e as linguagens da autobiografia e do relato pessoal. Ao estarem muito ocupadas brincando, as crianças falaram a partir dos lugares sociais que ocupam, trazendo à tona discursos, ações, desejos e pontos de vista sobre o mundo, legitimadores de seus lugares de fala e dos lugares de escuta por parte des adultes.

Introdução

Recentemente a *Revista Brasileira de Estudos da Presença* apresentou “a criança performer” como tema de chamada de artigos para uma de suas edições. Entre os subtemas estava presente “Teatro, dança, circo e contação de histórias na educação infantil, tendo as crianças como protagonistas – ou, pelo menos, como seus atores privilegiados”. Pode-se notar que existe certa relativização do termo “criança protagonista” a partir da ideia das crianças como “atores privilegiados”.

É no bojo das discussões atinentes às culturas da infância que emergem as discussões contemporâneas candentes acerca das ideias de protagonismo infantil. Dizer, expressar, opinar, manifestar, imaginar, experienciar, seriam verbos-chave dessa noção corrente de protagonismo infantil.

Logo, percebe-se que as ideias aqui debatidas acerca do tema do protagonismo infantil, à princípio, estariam próximas à noção de lugar de fala infantil, como se verá. Entretanto, levanta-se a hipótese de que muitas vezes esse suposto protagonismo infantil pode configurar ideias ludibriadoras, no sentido de tentar trazer para a criança o foco da ação, mas ainda assim manter es adultes, de forma

camuflada, como figuras decisivas no que tange aos comandos das condutas infantis. Vale frisar que problematizar o conceito de protagonismo infantil não significa negar a capacidade ativa da criança no que tange à produção cultural e à manifestação de ações e pontos de vista autônomos e autorais sobre o mundo, mas tão somente alertar-se para as armadilhas que podem estar escondidas em suas entranhas. Portanto, surge a hipótese de que outras ideias podem ser sugeridas no que tange à relação adulte/criança, para além de tais armadilhas implícitas às ideias do protagonismo infantil, sem que se renuncie aos espaços em potencial para que a criança diga, expresse, opine, se manifeste, imagine e experiencie.

Materiais e Métodos

Esta empreitada contou com a realização de um trabalho de campo, a proposição de uma prática artístico-pedagógica, na Escola Municipal Joaquim Maria Machado de Assis, da qual participaram crianças com 6 e 7 anos. Para isso, buscou-se como fontes teóricas inspiradoras os pensamentos da área da Sociologia da Infância, de W. Corsaro (2011) e Manuel J. Sarmento (2010), além dos estudos de Clarice Cohn (2005) sobre a Antropologia da Criança.

Já a noção de lugar de fala infantil encontra sua inspiração nos estudos de Djamila Ribeiro, ao apresentar que “[..] entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social” (RIBEIRO, 2017, p. 47).

Escolheu-se especificamente a contação de histórias para que as crianças pudessem ser efetivamente ouvidas, dentro ou fora da escola, assim como pudessem ouvir seus pares. Muitas vezes as crianças acabam apenas escutando as histórias e narrativas de mundo da perspectiva des adultes, não sendo a elas permitido que compartilhem suas histórias. Pensando nisso, propõe-se o lugar de fala infantil como, também, possibilidade de escuta adulta, perspectiva, portanto, em diálogo com os estudos da Sociologia da Infância e da Antropologia da Criança.

Somados à contação de história, os encaminhamentos metodológicos dessa prática artístico-pedagógica foram inspirados por jogos teatrais e dramáticos, brincadeiras tradicionais e os caminhos da autobiografia e do depoimento pessoal, abordagens que contribuem para se compreender as vivências infantis, mantendo coerência às ideias de um lugar de fala infantil.

Resultados e Discussão

Fica evidente, a partir da experiência percorrida, o potencial das práticas teatrais e lúdicas com crianças como espaço significativo à ideia, inspirada por Cohn e seus estudos acerca da Antropologia da Criança, de conhecer a criança por ela mesma. Não seria exatamente isso o lugar de fala infantil: a criança se apresentando ao mundo por ela mesma? Além disso, também tornou-se evidente a importância dos estudos da Sociologia da Infância, aqui representados pelas reflexões de Sarmento (2010) e Corsaro (2011), quando pretende-se investigar o lugar de fala infantil, entendido como o reconhecimento da criança tanto como sujeito quanto como objeto das culturas, capaz de expressar desejos, anseios e visões de mundo.

Por meio das contações de histórias, trocas de memórias importantes foram feitas entre mim e elas, além delas entre si. No âmbito dessas histórias, relatos pessoais ou de alguém que conhecemos foram trocados. Para es alunes que não se conheciam muito bem, foi um momento solícito para a constituição de seus grupos de afinidades e para, a partir do contato com outras crianças, juntas construírem novas descobertas, processo que Corsaro (2011) chama de “culturas de pares”. Ainda sobre as “culturas de pares”, em suas rotinas culturais, as crianças compartilharam experiências, aprendendo com elas mesmas, como, por exemplo, no momento de ensinar alongamentos, contar histórias, perceber os diferentes olhares e significados para um mesmo objeto, entre outros. O conceito de “reprodução interpretativa”, amplamente debatido por Corsaro (2011), também acompanhou essa investigação. Em diversos momentos as crianças foram desafiadas a reinventarem o mundo de suas maneiras, como, por exemplo, na ocasião dos jogos de imitações, do jogo da bolinha, dos desenhos e dos improvisos fantásticos propostos.

Cabem também pontes entre o vivido e os 4 eixos estruturadores das infâncias, propostos por Sarmento (2010). Sobre a “interatividade”, a criança “[...] está em contacto com várias realidades diferentes, das quais vai apreendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social” (SARMENTO, 2010, p. 14). Foi perceptível esse contato, pois as crianças não interagiam somente comigo, mas também com seus pares e outres docentes. A identidade pessoal dessas crianças foi trabalhada, a partir da liberdade de expressão presente nos jogos, brincadeiras e diálogos propostos. Sarmento (2010) ressalta que a “ludicidade” é o traço fundamental, e próprio do ser humano, que as crianças realizam ao brincar, não fazendo distinção entre ações sérias e a brincadeira. Afinal, brincar é a ação que as crianças fazem de mais séria. Basicamente a “ludicidade” esteve presente em quase todas as propostas, pois percebo a sua importância para além do exercício psicológico. Pelo vivido, constata-se que as interpretações das crianças sobre o mundo a sua volta, partem do brincar, ou seja, é por uma relação lúdica com o mundo que a criança dele se apropria, transformando-o. Sobre a “fantasia do real”, Sarmento (2010) versa que “[...] nas culturas infantis, todavia, este processo de imaginação do real é fundacional do modo de inteligibilidade” (SARMENTO, 2010, p. 16). O imaginário para a criança funciona como tentativa de solução de algumas incógnitas da vida. Foi através da “fantasia do real” que o jogo da bola imaginária, por exemplo, se mostrou necessário para apresentar ao garoto que só acreditava em bolas “reais” a possibilidade, para ele longínqua, de se enxergar uma bola por meio da imaginação e não, necessariamente, dos olhos. Por fim, sobre a “reiteração”, Sarmento afirma que “[...] a não literalidade tem o seu complemento na não linearidade temporal. O tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser sempre reiniciado e repetido ” (SARMENTO, 2010, p. 17). O “jogo da chuva”, que partiu de ideias que a turma já tinha de outras brincadeiras, as quais foram remodeladas para criar um novo jogo, tão sério quanto qualquer outro e potente pelo fato de ter sido integralmente inventado pela imaginação do grupo, foi jogado diversas vezes, e, a cada jogada, reinventado a partir de novas regras. Portanto, a criança, em seus processos de reiteração, reconstrói seus modos de ser e estar.

Conclusões

Face ao intuito de se fomentar e legitimar lugares de falas infantis e, consequentemente, lugares de escuta adulta diante da criança, guardadas as particularidades interseccionais desse grupo de trabalho, os caminhos teóricos que inspiraram esta investigação – Antropologia da Criança e a Sociologia da Infância – foram coerentes à poética metodológica aqui traçada, calcada em jogos teatrais improvisacionais, contação de histórias, brincadeiras tradicionais e as linguagens da autobiografia e do relato pessoal. Ao estarem muito ocupadas se divertindo e brincando, as crianças que aqui participaram descobriram coisas sobre o mundo, na mesma medida em que modificaram coisas nesse mundo – a começar pela minha percepção adulta sobre seus modos de ser e estar, além de as formas de se fazer, ensinar e aprender teatro. Falaram a partir dos lugares sociais que ocupam, dando a ver discursos e ações no mundo fortemente influenciados por seus modos de ser e estar. Assim, a partir dos estudos aqui mobilizados, tomo a liberdade de propor uma (re)leitura das ideais de infância, calcada na visão de criança como dotada de modos de ser e estar imaginativos, reprodutivo-criativos, reiterativos, interativos e falantes.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, ao CPNq e à Fundação Araucária pelo fomento a esta pesquisa. Agradeço ao meu orientador Sidmar Silveira Gomes por todo o auxílio na construção desse percurso, me oferecendo possíveis caminhos e referencial teórico. Agradeço aos meus pais pelo suporte nos dias mais difíceis, ao meu irmão caçula por me manter motivado a seguir em frente e à minha namorada por sempre reconstruir caminhos juntes.

Referências

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CORSARO, W. **Sociologia da Infância**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala**? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SARMENTO, M. **As Culturas da Infância Nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**, 2010, Disponível em: www.cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf. Acesso em 12 abr. 2022.